



Zygmunt Bauman
Gustavo Dessal

O RETORNO DO PÊNULO

Sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido

Tradução:

Joana Angélica d'Avila Melo

Revisão técnica:

Felipe Castelo Branco

psicanalista e professor do IFCS/UFRJ



ZAHAR

• Prefácio •

Este livro é o resultado de um feliz e excepcional encontro.¹ Feliz porque, a partir do momento em que recebi a primeira resposta de Zygmunt Bauman à minha mensagem eletrônica, tive a impressão de que começava a dialogar com alguém que não só me parecia familiar pelo tom, mas que também aceitava minha interlocução com a encantadora naturalidade de quem alcançou uma sabedoria fora do comum. E excepcional porque, na verdade, não nos conhecemos pessoalmente, mas por meio de correspondência e intercâmbio de textos. Esse conhecimento sem dúvida é absolutamente assimétrico. Bauman é alguém que obteve respeito intelectual planetário por toda a contribuição que deu à imensa e difícil tarefa de iluminar a vida humana. Meu nome é desconhecido, tanto para ele quanto para a maioria das pessoas. E foram precisamente o *desinteresse* (no sentido de Levinas) e a generosidade com que o professor Bauman ignorou essa assimetria que produziram em mim uma vivência única. Em nosso breve intercâmbio, tive a oportunidade de reviver aquela experiência que a lógica da vida líquida também dissolveu: a proximidade do mestre, essa figura que durante séculos foi uma referência imprescindível na aventura do saber e que a hipermodernidade condenou à lixeira dos anacronismos.

Em minha juventude pude desfrutar os últimos vestígios desse vínculo pelo qual a transmissão do saber é inconcebível sem a transferência, conceito não só decisivo para compreender o que acontece em uma análise, mas também considerado por Freud condição indispensável para a aquisição de um conhecimento. Hoje, a degradação do saber deve muito à decadência do mestre. O mestre não é simplesmente aquele que detém um saber. Não é um especialista, tal como nos acostumamos a conceber, na atualidade, os representantes do saber. O mestre é aquele que sabe manter vivo o espírito socrático da pergunta, e seu ensinamento consiste em nos dar a melhor prova de seu amor: fazer com que aprendamos a única lição magistral que nos põe no caminho de um saber verdadeiro, e que consiste em nos darmos conta de que nenhuma palavra pode dizer toda a verdade.

Tenho o defeito de exigir de um autor que sua obra esteja à altura de certos princípios éticos, motivo pelo qual não me importa muito que Céline tenha sido um escritor admirável, ou que Heidegger tenha escrito algumas das páginas mais importantes da filosofia do Ocidente, coisa que está fora de qualquer discussão. Creio reconhecer na obra de Zygmunt Bauman a união entre um olhar lúcido sobre o movimento do mundo e uma empatia sensível com seu objeto de estudo. Sua escrita enlaça o rigor do ensaio e a enunciação poética, e a soma desses dois fatores permite abrigar o sofrimento dos condenados do sistema, devolver a dignidade aos restos do discurso, recordar-nos a existência dos rejeitos de um sistema cuja engenharia social se baseia no alibi do progresso universal. Tenha consciência disso ou não, Bauman se aproxima assim de uma posição ética que é também aquela defendida pela psicanálise: dar a palavra ao sujeito verdadeiro, sequestrado pelo silêncio ao qual o paradigma técnico-científico o condena sem muitas considerações.

O leitor poderá observar, talvez com a mesma curiosidade que experimentei ao ler a mensagem, que, em e-mail datado de 30 de julho de 2012, Bauman se despede de mim com um sim-

ples “Love, Z”. Tratando-se de uma correspondência que acabava de se iniciar entre duas pessoas, uma das quais é um perfeito desconhecido para o célebre sociólogo, essa expressão não podia deixar de me surpreender. E mais, essa demonstração de afeto simples e espontâneo produziu em mim um impacto que eu valorizo tanto quanto o conjunto do material que Bauman me ofertou nos documentos anexados. Talvez esse amor seja sua forma de fazer existir aquele *rostó* que Levinas afirma haver no fundo da condição humana. O amor só se dimensiona à medida que é posto em circulação a troco de nada, e se afirma quando é capaz de renunciar à miragem da unidade com o outro. A coragem do amor se mede por sua virtude em reconhecer aquilo que no outro nos é apresentado sob a forma da diferença – e mesmo assim ser capaz de acolher essa alteridade. Um amor despojado dos invólucros narcisistas exige disposição para a contingência do encontro e renúncia à fantasia da completude. Ignoro se Bauman foi psicanalisado, mas ao menos posso intuir que sua obra reflete, nesse ponto, uma posição que ele mesmo reconhece tributária de Levinas.

À medida que a leitura de *Amor líquido* foi me levando aos seus outros livros, notei que a relação de Zygmunt Bauman com a psicanálise não podia ser estabelecida somente a partir das numerosas referências a Freud, e em particular ao célebre livro *O mal-estar na civilização*. Fica bastante evidente que Bauman transitou pela doutrina freudiana e prestou tributo à imensa contribuição que a psicanálise trouxe para a compreensão dos fenômenos sociais. *Psicologia das massas* não foi somente um dos escritos mais importantes do século passado, como também, no século presente, demonstra vigorosa e renovada atualidade. Contudo, tenho a impressão de que Bauman, além de citar Freud entre os grandes pensadores, vale-se de um olhar *psicanalítico* para abordar esses fenômenos. Em outras palavras, atrevo-me a sugerir uma importante comunhão entre o espírito freudiano e o pensamento de Zygmunt Bauman, ambos caracterizados por um ceticismo alerta e crítico diante de alguns dos valores máximos do Iluminismo:

a crença na soberania da razão, a fé no progresso e a veneração incondicional pelo saber científico. Evidentemente isso não quer dizer que os dois autores não sejam tributários da razão iluminista, mas que buscam, cada um à sua maneira, investigar os pontos-chave nos quais o logos produz sintoma, abrindo caminho ao impensado do saber, além de mostrar os devastadores efeitos produzidos pelo retorno daquela parte da verdade que o paradigma técnico-científico ataca, ou simplesmente prefere desconhecer.

Como sabemos, o próprio devir da obra de Bauman desemboca na produção de um significante que operou como uma interpretação justa do estado atual da civilização. O conceito de “liquidez” é o significante com o qual esse autor vai depurar o real de um mundo que ficou desprovido de toda estruturação narrativa, e no qual cada sujeito deve reinventar sua teogonia pessoal, ou pagar o terrível preço do desterro para o não mundo, cada vez mais habitado por seres condenados à desumanização e à indiferença.

Acreditei perceber uma ressonância entre o conceito de “liquidez” e a previsão que Jacques Lacan aventou como consequência da queda da “imago paterna”, figura do discurso que, para além das críticas ou de seus desacertos, cumpriu a função de organizar e formalizar as peças soltas da maquinaria humana. À decadência de Deus e do pai segue-se a entronização da técnica como instrumento de um liberalismo desnudado, desembaraçado de seus clássicos disfarces morais e ideológicos. A nova governança resultante disso diluiu em seu magma global tudo aquilo que se empenhe em conservar a própria especificidade ou a própria diferença. A esta última afirmação, poderão objetar que o estado líquido da civilização é ao mesmo tempo um caldo que admite o cultivo de formas alternativas de ser, de amar e de desfrutar. Mas não esqueçamos que o discurso contemporâneo só admite a diferença na medida em que esta não comprometa nem confronte os interesses do mercado. Só a partir do momento em que mostra sua força na participação geral do consumo é que a comunidade

gay começa a ser reconhecida pelo discurso dominante. Desse modo, qualquer dissimetria é bem-vinda, sempre e quando se assimilar à normatização do sistema global, transformando-se assim em novo produto.

Existe outra ressonância que caberia destacar: o paradigma da “liquidez” e o que Freud denominava “desintração pulsional”. A seu modo, e com os instrumentos conceituais próprios de sua disciplina, Bauman é claramente sensível a essa dimensão humana que Freud explorou e teorizou sob o nome de “pulsão de morte”, tendo-a definido como uma força repetitiva e demoníaca. Longe de buscar seu fundamento em algum resquício atávico ou primitivo do instinto animal, Freud nos mostrou que a pulsão de morte deve ser reconhecida como elemento que, além de não contradizer a função do logos, faz parte do próprio núcleo desse logos. A pulsão de morte é um dos conceitos centrais da teoria psicanalítica. Desconhecê-la implica retirar uma parte substancial da subjetividade de qualquer enfoque que pretenda uma aproximação do real humano, tanto no plano individual quanto no coletivo.

Freud estabeleceu que o comportamento, em termos de história e de biografia singular, é regido por uma dinâmica de forças em luta: o embate entre Eros e Tãtatos. O modo mitológico, até poético, pelo qual Freud nos apresenta sua teoria não deve nos fazer cair no erro de pensar que se trata de uma simples metáfora. A dialética entre Eros e Tãtatos designa o fato de que a condição humana é atravessada pelo paradoxo de reinarem nela os desejos que promovem a vida, mas também a destruição. As pulsões de vida e de morte se enlaçam, constituindo uma estrutura de “intração”, isto é, uma estrutura na qual os representantes de Eros (o amor e o desejo) devem estabelecer barreiras e limites à tendência letal da pulsão de morte.

Sob determinadas circunstâncias, talvez essa estrutura de intração se “desate”, e o resultado será aquilo que Freud denominou “desintração pulsional”, isto é, o desprendimento da pulsão de morte, que, liberada de suas barreiras de contenção, pode impor-se até o extremo da autodestruição (como é

o caso do suicídio melancólico) ou da agressão criminosa. E, se nos transferirmos para o plano social, a desintração pulsional é reconhecível nos efeitos selvagens provocados por aqueles discursos promovidos pelas diferentes formas do ódio, jamais ausentes em nenhum período da história, e que lançam por terra a ingênua assimilação entre o bem e a razão. Na atualidade, a forma mais patente que a desintração pulsional adota é a convergência entre o discurso do capital e o discurso técnico-científico, no propósito de estabelecer o absolutismo de um modelo definitivo e imperecível da verdade.

A mensurabilidade geral da vida humana em todos os domínios se traduz nos inumeráveis sintomas que Zygmunt Bauman estudou com a chave de seu conceito de “liquidez”. A ideia de *amor líquido* significa muito mais que abordar os efeitos que a hipermodernidade exerceu sobre os laços sociais. Ela designa, em minha opinião, algo que se encontra em aguda sintonia com a desintração pulsional considerada por Freud, isto é, o triunfo de Tânatos sobre Eros. A degradação líquida do amor é um grave sintoma de nossa época, na qual a ação corrosiva do discurso neoliberal encontra cada vez menos obstáculos para transformar cada um de nós em mercadoria.

A clínica psicanalítica e a teoria social podem encontrar afinidades pelas quais ambas sejam beneficiadas. Sem uma perspectiva clara das coordenadas da época, a psicanálise poderia descuidar-se das profundas transformações sociais que tocam os fundamentos da civilização, gerando novos sintomas para os quais a clínica deve dar uma resposta que se distinga dos pressupostos policiais da biopolítica. E sem os conceitos psicanalíticos de inconsciente, pulsão, da lógica do significante e da teoria do gozo, a sociologia corre o risco de extraviar-se nos atoleiros da metafísica.

Na concisa afirmação que Bauman inclui em seu e-mail de 30 de julho de 2012,* ao me confessar suas suspeitas sobre o retorno do pêndulo, percebo o agudo olhar do astrônomo do

* Ver p.121-2.

espírito humano antecipando-nos algo cujos sinais mal conseguimos vislumbrar em todo o seu alcance. Lamento expressar minha desconfiança sobre o poder preventivo do conhecimento, mas ainda assim creio adivinhar nessa mensagem a recomendação de manter os olhos bem abertos. A história, se não segue exatamente a lógica do retorno nietzschiano, deu provas suficientes, em contraposição, de que seu movimento pode levar ao pior. Não sabemos o que essa guinada do pêndulo irá nos trazer no futuro, mas pelo menos façamos votos de que, à sua chegada, uma lucidez sólida nos mantenha despertos.

GUSTAVO DESSAL

Liberdade e segurança: um caso de *Hassliebe**

ZYGMUNT BAUMAN

“Somos organizados de tal modo”, escreveu Sigmund Freud em 1929, sem que ninguém o contestasse seriamente desde então, “que só podemos desfrutar intensamente o contraste, e muito pouco do estável”. Como respaldo à sua tese, Freud cita a opinião de Goethe: “Tudo se suporta nesta vida,/ menos uma sucessão de dias bons”, embora faça a ressalva de que “talvez isso seja um exagero”. Enquanto o sofrimento pode ser uma condição perdurável e ininterrupta, a felicidade, esse “gozo interno”, mal chega a ser percebida como vivência momentânea, fugaz, que experimentamos do princípio ao fim em um instante, quando o sofrimento se detém. “É muito menos difícil”, sugere Freud, “experimentarmos a infelicidade.”

Na maior parte do tempo, então, nós sofremos, e durante todo o tempo nos acossa o temor do possível sofrimento ocasionado pelas permanentes ameaças que pairam sobre nosso bem-estar. Existem três causas das quais tememos que advenha o sofrimento: “a supremacia da natureza, a fragilidade do nosso

* Aula magistral pronunciada por ocasião do ciclo “In Me, the Paradox of Liberty” (3 mai 2012, Castrum Peregrini, Amsterdam) e posteriormente publicada, com pequenas alterações, em *Cegueira moral* (Zahar, 2014). *Hassliebe* pode ser traduzido como “relação de amor-ódio”.

corpo” (assim como a de outros seres humanos) e – de maneira mais precisa, já que acreditamos muito mais na possibilidade de reformar e melhorar as relações humanas que na de subjugar a natureza e extinguir as fraquezas do corpo humano – “a insuficiência das normas que regulam os vínculos recíprocos” entre os seres humanos “na família, no Estado e na sociedade”. Uma vez que o sofrimento ou o horror ao sofrimento são uma companhia permanente na vida, ninguém deve se espantar com o fato de que o “processo da civilização” – a prolongada e talvez interminável marcha para um modo de “estar no mundo” que seja mais hospitaleiro e menos perigoso – se focalize em localizar e obturar essas três fontes da infelicidade humana.

A guerra declarada ao mal-estar humano em todas as suas variedades é travada nas três frentes. Enquanto nas duas primeiras já foram obtidas numerosas vitórias, que desarmaram e deixaram fora de combate cada vez mais forças inimigas, é na terceira linha de batalha que o destino da guerra está empatado, e o fim das hostilidades se mostra improvável. Para livrar os seres humanos de seus temores, a sociedade deve impor restrições a seus integrantes, mas os homens e as mulheres precisam se rebelar contra essas restrições para continuar avançando em busca da felicidade. Não é possível regular a terceira fonte de sofrimento humano até fazê-la desaparecer. A interface entre a busca da felicidade individual e as condições não usurpáveis da vida em comum será para sempre um cenário de conflito. Os impulsos instintivos dos seres humanos colidem indefectivelmente com as exigências da civilização, empenhada em combater e vencer as causas do sofrimento humano.

É por isso que a civilização é um negócio, insiste Freud: para conseguir algo dela, os seres humanos têm de renunciar a outra coisa. Tanto os bens obtidos quanto os cedidos em troca são valorizados e desejados com fervor; por isso, cada sucessiva fórmula de intercâmbio não é mais que um arranjo passageiro, o produto de uma transação nunca plenamente satisfatória para nenhuma das partes desse antagonismo que arde sem chama, perpetuamente. A discórdia amainaria se fosse possível atender

ao mesmo tempo aos desejos individuais e às demandas sociais. Mas isso não ocorrerá. Para alcançar uma vida satisfatória – ou suportável, vivível, para sermos mais exatos –, são tão imprescindíveis as liberdades de agir segundo os próprios impulsos, urgências, inclinações e desejos quanto as restrições impostas no interesse da segurança, já que segurança sem liberdade equivaleria à escravidão, ao passo que liberdade sem segurança desataria o caos, a desorientação e uma perpétua incerteza, redundando em impotência para agir de forma resoluta. Mas ambas são e continuarão a ser para sempre inconciliáveis.

A partir dessas premissas, Freud chegou à conclusão de que as aflições e os mal-estares psicológicos se originam, em sua maioria, da renúncia a uma considerável porção de liberdade em troca de um incremento na segurança. Essa liberdade truncada é a vítima principal do “processo civilizador”, assim como o maior descontentamento, o mais extenso, endêmico à vida civilizada. É esse o veredicto que Freud pronunciou, recorde-mos, em 1929. Pergunto-me se essa conclusão sairia ileso se ele a emitisse hoje, mais de oitenta anos depois – e duvido. Ainda que se mantivessem as premissas (tanto as exigências da vida civilizada quanto o equipamento instintivo dos seres humanos, legado pela evolução da espécie, continuam fixos durante longo tempo e estão imunes aos caprichos da história), é quase indubitável que o veredicto iria se reverter.

Sim, claro, Freud repetiria que a civilização implica um negócio: ganhamos algo à custa de perder outra coisa. Mas tudo indica que ele situaria a origem dos mal-estares psicológicos, assim como das insatisfações que eles engendram, no extremo oposto do espectro de valores. Chegaria à conclusão de que a insatisfação do homem com o estado das coisas deriva sobretudo do fato de ele haver renunciado ao excesso de segurança em troca de uma expansão inaudita da liberdade. Freud escrevia em alemão, e o significado do conceito que ele usou, *Sicherheit*, requer três palavras, à falta de uma só, para traduzir seu pleno sentido: certeza, segurança e proteção. A grande porção de *Sicherheit* que já cedemos contém a certeza em relação àquilo

que o futuro poderia trazer e aos eventuais efeitos de nossas ações; a segurança de nossas tarefas vitais e de nossos lugares socialmente atribuídos; assim como a proteção ante o ataque ao nosso corpo e às nossas posses, que são a extensão desse corpo. Mas a renúncia à *Sicherheit* redonda em *Unsicherheit*, condição que não se submete tão facilmente à dissecação e ao escrutínio anômico: suas três partes constitutivas promovem o mesmo sofrimento, a mesma angústia e o mesmo temor, de modo que se torna difícil assinalar com exatidão quais são as causas genuínas do mal-estar experimentado. A ansiedade é facilmente imputável a uma causa equivocada, circunstância que os políticos atuais em busca de apoio eleitoral poderão aproveitar com muita frequência em benefício próprio, mesmo quando isso não redunde necessariamente em benefício dos votantes. É desnecessário dizer que os políticos preferem atribuir o sofrimento de seus eleitores a causas que eles possam combater diante dos olhos do público (por exemplo, quando propõem endurecer as políticas de imigração e asilo, ou mesmo promover a deportação de estranhos indesejáveis), em vez de admitir a causa genuína da incerteza, que eles não têm a capacidade ou a vontade de combater nem a esperança realista de vencer (como a instabilidade do emprego, a flexibilidade dos mercados de trabalho, a ameaça de demissão, a perspectiva de apertar o orçamento familiar, o nível inegociável de endividamento, a recorrente inquietação com o sustento na velhice ou a fragilidade geral das associações e dos laços inter-humanos).

Viver em condições de incerteza prolongada ou aparentemente incurável acarreta duas sensações do mesmo modo humilhantes: a de ignorância (não saber o que se enfrentará no futuro) e a de impotência (ser incapaz de influir no próprio rumo). E não há dúvida de que ambas são aviltantes: em nossa sociedade sumamente individualizada, na qual se presume (contra a evidência dos fatos, por assim dizer) que cada indivíduo deve arcar com a responsabilidade total sobre seu destino na vida, essas sensações dão a entender a incompetência do interessado para abordar as tarefas que outras pessoas, aparentemente mais

exitosas, parecem levar a cabo graças à maior destreza e ao melhor empenho. A incompetência sugere inferioridade, e ser inferior ante o olhar dos demais é um doloroso golpe assestado contra a autoestima, a dignidade pessoal e o valor da autoafirmação. A depressão é hoje a doença psicológica mais comum. Ela assedia o crescente número de pessoas que nestes tempos foram incluídas na categoria coletiva de “precariado”, palavra cunhada a partir do conceito de “precariedade”, em sua denotação de incerteza existencial.

Cem anos atrás, costumava-se representar a história humana como um relato sobre o progresso da liberdade. Isso implicava, em grande medida à maneira de outros relatos populares semelhantes, que a história se orienta, de forma sistemática, na mesma e inalterada direção. As recentes mudanças na disposição do público sugerem outra coisa. O “progresso histórico” faz pensar mais num pêndulo que numa linha reta. Nos tempos de Freud e de seus escritos, a queixa mais comum era o déficit de liberdade; os contemporâneos dele se dispunham a renunciar a uma fração considerável de sua segurança desde que se eliminassem as restrições impostas às suas liberdades. E finalmente conseguiram. Agora, porém, multiplicam-se os indícios de que cada vez mais gente cederia de bom grado parte de sua liberdade em troca de emancipar-se do aterrador espectro da insegurança existencial. Estamos diante de um retorno do pêndulo? Se de fato é assim, quais poderiam ser as conseqüências?